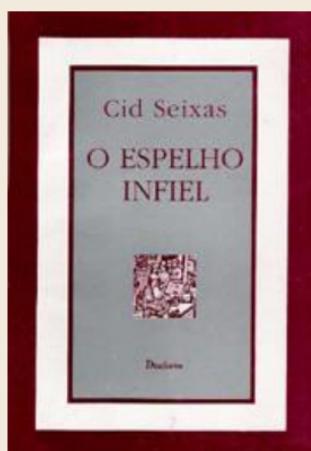

SOBRE O ESPELHO INFIEL



O *Espelho Infiel* foi publicado, em 1966, pela Diadorim Editora Ltda, no Rio de Janeiro. O livro é dividido em cinco partes assim denominadas: 1 | Fênix, a palavra, 2 | Quatro cantos do Ru-baiyat, 3 | Fragmentos do diário de naufrágio, 4 | Amorial, e 5 | Anti-mallarmaico.

COMENTÁRIOS DE GERANA DAMULAKIS E ANA AMÉLIA SOARES

O livro de poemas de Cid Seixas, *O Espelho Infiel*, não é uma surpresa no que tange ao poeta, por este já ser muito conhecido, mas é uma renovada surpresa, porque tudo aqui está no sentido de mais uma vez acontecido. Para dar asas à ave há uma bela *ouverture* com um texto sobre o poder de renascimento da palavra, “Fênix, A Palavra”, deixando em evidência essa capacidade de, mesmo “*sem ser escutadas*”, as palavras trazerem “*sua tinta renovada,/ tão antiga e cambiante/ como é nova a madrugada*”. No caminho, no rumo para o nada, que, na poesia, assim como no mito pessoano, é tudo, a palavra é “*engenho velho e novo,/ o texto tece a alvorada/ do ser talhado na vida/ que nasce pronunciada.*” (...)

O *Espelho Infiel* deixa claro a maestria do autor no manejo do ritmo e sua intenção também claramente construtiva, que confere a unidade do livro, um dos mais encantadores da poesia baiana contemporânea. Talvez porque o texto expresse a contemplação de um contínuo renascer, talvez pelo uso enfático de palavras sempre de retornos: “O poeta é aquele que ressurge/do próprio naufrágio”, talvez, como dizia, seja a contemplação da arte como veículo para a vida em contínua renovação que perpassa por todos os poemas e que, no total, dá o tom, que é de puro encanto desta voz, deste canto de poeta.

Gerana Damulakis

O *Espelho Infiel* é um livro que reúne cinco conjuntos de poemas de Cid Seixas, todos marcados pelo equilíbrio quanto à qualidade. Mesmo assim destacado como preferencial, dentre outros igualmente bons, o terceiro conjunto,

anteriormente publicado como um pequeno livro artesanal.

Fragments do diário de naufrágio é um texto que conduz o leitor aos labirintos da criação, onde a teoria implícita do poema se confunde – ou melhor: se entrelaça – com o discurso poético. Aí, a maturidade da escrita do autor e o domínio do processo criativo permitem jogar ironicamente com a arrogância da tradição teórica e a irreverente coloquialidade da escrita imaginativa.

No entrechoque, há um produto que se salva – e permanece: o prazer da escrita, e da leitura. Em todo este movimento de tensão, um elemento forte e incorruptível acena e fala por nós – o desejo.

Ana Amélia Soares

(Leia, a seguir, uma breve seleção de trechos de poemas.)

(Fragmento)

O bicho homem
é o mais feliz de todos.
Até mesmo os pássaros,
na alegria alada do azul.

O homem sabe mentir
e rir.
E sabe que tudo é mentira
e ri.

Só os sábios, coitados,
que sabem a verdade,
não riem.

Só os sábios
pensam a verdade
com a certeza
que os tolos
se pensam
sábios.

FÊNIX, A PALAVRA

Escondida na poeira,
antes de ser lapidada,
a pedra guarda seu brilho
de fascinante emboscada.

As palavras que partilho
há muito que são usadas,
existem antes de mim,
sendo por mim inventadas.

São palavras conhecidas,
por toda gente faladas
(sentido gasto na lavra),
soam, sem ser escutadas.

No suor que tece o tempo
sua tinta é recarregada,
tão antiga e cambiante
como é nova a madrugada.

(segue)

Totem de tanta gente,
a palavra reinventada
inventada em cada verso
toda verdade ocultada

além do sonho do homem
e da sombra desbotada
que se esconde na memória,
brincando de ser achada.

No colar de cada frase,
onde se faz lapidada,
a pedra guarda seu brilho
de lancinante emboscada.

Engenho velho e novo,
o texto tece a morada
do ser talhado na vida
que nasce pronunciada.

